

**APRENDIZAGENS OUTRAS COM AS NARRATIVAS
DE ESPERANÇA GARCIA: MEMÓRIA E LUTA DE MULHERES
ESCRAVIZADAS NO BRASIL**

Carla Aparecida da Silva¹ –UNIRIO

carla_silva@ymail.com

MT: 63 História das mulheres negras na América Latina lutas, contribuições e desafios.

Palavras-Chaves: Esperança Garcia; mulher negra, luta e resistência.

RESUMO

Objetivo deste trabalho é apresentar a partir da narrativa da escravizada Esperança Garcia a construção de aprendizagens outras de luta e resistência para a mulher negra brasileira. O processo de escravidão no Brasil foi longo, intenso e perverso, e para sobreviver era necessário desenvolver estratégias de resistência e de luta contra os sistemas cruéis de castigos, exploração e subalternidade, todo esse movimento foi pensando e estruturado de forma que viessem resultar em liberdade. Nessa perspectiva consideramos como objeto de análise a carta escrita pela escravizada Esperança Garcia em seis de setembro de 1770, endereçada ao Governador da Província do Piauí, relata toda violência física sofrida juntamente com seus filhos, reivindica o retorno para junto de sua família e batismo na igreja de seus filhos. O processo de escravidão no Brasil fortaleceu e expandiu o preconceito e a discriminação racial, tornando cada corpo preto em objeto de domínio e exploração. Enquanto mulher escravizada Esperança Garcia desempenhou um papel de grande importância na luta e resistência da população negra principalmente para as mulheres, que historicamente tem sua identidade invisibilizada e estão vulneráveis a qualquer tipo de violências. Esperança Garcia vê na sua escrita uma forma de luta, resistência e mobilização, não só para si mais para sua família e sua comunidade, criando uma rede de sociabilidade e

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

solidariedade. Esperança Garcia nos ajuda a pensar e a construir um outro lugar da mulher negra, um lugar de protagonista, lugar de reivindicação, lugar de autonomia, lugar de tecer novas redes de saberes e vivências. Esperança Garcia não é só uma narrativa, mais a continuação de vidas que tem formado a história de cada mulher negra, que tem lutado e resistido todos os dias a violência do corpo, ao racismo, ao machismo, ao sexismo, a solidão. Quando começa a minha militância?! Assim que nasci...lutar e resistir é preciso.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma contribuição para pensar as narrativas de aprendizagens outras de lutas e resistências de mulheres negras brasileiras, a partir de existências e vivências epistemológicas decoloniais, na busca de práticas transformadoras e transgressoras. A principal abordagem apresentada é pela narrativa de Esperança Garcia, uma mulher negra escravizada que usou a escrita como uma ferramenta de luta e resistência frente ao sofrimento violento e desumano que vivia juntamente com seus filhos.

Podemos considerar que a dimensão educativa de aprendizagens outras nas narrativas de Esperança Garcia é atravessada pelo movimento da relação entre memória e passado que nos possibilita a compreensão e aproximação do lugar dessa mulher negra escravizada e suas dificuldades de viver e sobreviver as condições que a submetiam ao sofrimento físico, emocional e social, que vem se perpetuando em formas diferentes ao longo da história, como fomos e somos afetados por um sistema elaborado para enfraquecer e suprimir toda a humanidade, confiança e resistência da nossa comunidade negra.

Torna-se relevante pensar numa Re-existência desse corpo negro feminino por perspectivas outras, que possibilitem uma composição de ser e estar no mundo pelas memórias ancestrais e coletivas positivas que tenham uma função educativa para o fortalecimento das relações afetivas, um movimento contra o racismo e a eliminação de toda e qualquer forma de dominação. Neste sentido, entendemos como elucidativo o referencial teórico-epistemológico pautado nos estudos pós-coloniais e decoloniais como fonte de inspiração para uma abordagem que favoreça contra narrativas e rupturas com o sistema opressor colonial de exploração e controle.

RE-EXISTÊNCIA ENQUANTO RE-INVENÇÃO DA VIDA

Existe um grande número de acervo documental entre cartas, recibos de compra e venda, relatos de viagens, imagens e quadros e fotografias que possibilitam construir um mosaico do que foi o período de escravidão e pós-abolição no Brasil. Desses registros saem narrativas importantes para a reconstrução de um passado que está presente e nos coloca em proximidade com pessoas e experiências de outro tempo e espaço que está sempre em movimento. “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.” (SARLO, 2007, p.25). Desse apontamento memorativo que trago pelas narrativas de Esperança Garcia aprendizagens outras de Re-existência, re-significação e reinvenção de luta para as mulheres negras brasileiras.

Esperança Garcia² foi uma escrava negra que escreveu uma carta endereçada ao Governador da Província do Piauí no ano de 1770 relatando os maus tratos que recebia e aos seus filhos, reivindicava o direito de retorno junto aos seu maridos pois foi retirada a força da fazenda onde viviam e pelo direito de batizar seus filhos na igreja.

Carta de Esperança em sua escrita original,

"Eu sou qua escrava de V. Sa. administração de Capam. Antº Vieira de Couto, cazada. Desde que o Capam. lá foi adeministrar, q. me tirou da fazenda dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira de sua caza, onde nella passo mto mal. A primeira hé q. ha grandes trovoadas de pancadas em hum filho nem sendo uhã criança q. lhe fez extrair sangue pella boca, em mim não poço esplicar q. sou hu colcham de pancadas, tanto q. cahy huã vez do sobrado abaccho peiada, por mezericordia de Ds. esCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por batizar. Pello q. Peço a V.S. pello amor de Ds. e do seu Valimto. ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Procurador que mande p. a fazda. aonde elle me tirou pa eu viver com meu marido e batizar minha filha q. De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia” (GARCIA, 1770).

A carta de Esperança é mais que um relato de violência, ela nos chega como uma estratégia de luta a fim de resistir e sobreviver ao sofrimento presente. Pensando em sua

² Ela escreveu a carta um ano depois que os jesuítas, de quem era escrava, foram expulsos do Brasil por Marquês de Pombal. Foi levada à força da Fazenda Algodões, perto de Floriano (Piauí), para uma fazenda em Nazaré do Piauí. A partir de alguns escassos documentos e o próprio contexto do Piauí Colonial, essas informações foram prestadas pelos pesquisadores, o antropólogo Luís Mott e o historiador Solimar Oliveira Lima acerca da história de vida de Esperança Garcia. Afirma-se que a carta original está em Portugal, e uma cópia foi descoberta no arquivo público do Piauí pelo pesquisador e historiador Luiz Mott em 1979.

condição de uma mulher negra escrava, suas possibilidades de dialogar e reivindicar direitos seriam mínimas e passível de castigos severos, ela tinha outras consciências de força e perseverança,

Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como transmissão desse conhecimento aos demais. Em Natchez, Lousiana, uma escrava comandava uma “escola noturna”, dando aulas a seu povo das onze horas às duas da manhã, de maneira que conseguiu “formar” centenas de pessoas (DAVIS, 2016, p.34).

Pensar outras possibilidades de se movimentar “ter a consciência de seu enorme poder — sua capacidade de produzir e criar”. Esperança, escreve a carta, denuncia seu agressor, reclama o direito de viver sua religiosidade – batizar os filhos, solicita o retorno pra fazenda junto ao seu marido. Pensa coletivamente quando sua petição se estende as companheiras. Lutou por seu direitos sabendo que como escravizada não possui nenhum. Após oito anos da petição, Esperança continuou a se mobilizar, conseguindo fugir, supomos que essa decisão tenha sido pela falta ou resposta negativa a sua carta.

Conta que dou a V. As. Da residência de Nazaré, que é procurador o Capitão Antonio Vieira do Couto: (ele) tirou uma escrava chamada Esperança, casada, da fazenda de Algodões e não tem concedido tempo algum para a dita ir fazer vida com seu marido, vendo apertada com vários castigos tem fugido por várias vezes e o dito Capitão tem posto tão tímida a dita em forma uma quinta feira deu tanta bordoada com um pau e com ela no chão e depois jurou que havia de amarrar dita escrava se erretirou com os dois filhos, um nos braços, de 7 meses e outro de 3 anos; o presente não tem tido notícia dela.

Não há dúvidas de que Esperança Garcia estava insatisfeita com seu destino de servidão, mais ela tinha planos ainda maiores para si e sua família, pensar na liberdade e emancipação do povo negro – ela estava determinada a resistir. As narrativas históricas de Esperança Garcia nos levam para caminhos de histórias possíveis que podem ser construídas e vividas, permitindo a revisitar um passado e reescrevendo e dando continuidade as histórias perdidas e invisibilizadas pelo processo de escravização, pelo racismo, pelo sexismo, pela violação de direitos civis e sociais.

A origem de sua força não era um poder místico vinculado à maternidade, e sim suas experiências concretas como escravas. São experiências acumuladas por todas essas mulheres que labutaram sob o chicote de seus senhores, trabalharam para sua família,

protegendo-a, lutaram contra a escravidão e foram estupradas, mas nunca subjugadas. Foram essas mulheres que transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explica os parâmetros para uma nova condição de mulher. (DAVIS, 2016, p.41).

Criar e re-inventar narrativas outras é especialmente importante para nós mulheres da América Latina, por sermos negras e femininas, num sistema opressor colonial implicado no preconceito racial, de gênero, e social. Construir cartografias emancipatórias individuais e coletivas, de fazeres sólidos e também flutuantes na dinâmica do aprender e ensinar o que já foi começado pelas nossas ancestrais e pelas presentes.

Fazer circular nossas histórias de sofrimento e de conquistas como reivindicações e demandas já conquistadas, espaços sociais e políticos em que já fazemos parte, visibilizar nossas produções acadêmicas, artísticas e profissionais, educar nossas crianças para uma consciência racial firme e bonita, falar da nossa saúde, do nosso corpo, reclamar nossas políticas e demandas, desenvolver ações de combate ao racismo e políticas de sobrevivência.

MEMÓRIA COMO EXTENSÃO DE LUTA E RESISTÊNCIA

As memórias podem ser consideradas como uma caixa em que se guarda objetos especiais e de grande valor, com o passar do tempo alguns objetos podem ser tirados, outros adquiridos e assim a caixa vai se tornando um lugar que se guarda muitas lembranças, seja boas ou ruins. Em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks, afirma que não é fácil dar nome as nossas dores e nem criar teorias a partir desse lugar.

Mais é dentro desses espaços que emergem o movimento de luta e resistência sabendo que essas narrativas construídas nos conflitos, serviram de exemplo e apoio na construção do pertencimento e fortalecimento identitário principalmente da mulher negra. O poema de Conceição Evaristo, *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, descreve de maneira delicada a guarda e cuidado desse lugar de dor e resistência.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,

em vigília atenta vigia

a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso

de nossas molhadas lembranças.

[...]

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede

de nossa milenar resistência.

(Conceição Evaristo, 2013)

As memórias individuais e coletivas permitem visitar um passado e lembrar do que já foi vivido. De acordo com Sarlo, esse “lembrar” se dá dentro do conceito de pós-memória, considerando como a,

A geração seguinte àquela que protagonizou os acontecimentos, ou seja, é a memória dos filhos sobre a memória dos pais. [...] a pós-memória cumpre as mesmas funções clássicas da memória: fundar um presente em relação com um passado. A relação com esse passado não é diretamente pessoal, em termos de família e pertencimento, mas se dá através do público e da memória coletiva produzida institucionalmente. (SARLO, 2007, p.97).

Essa memória coletiva como voz enunciativa de uma produção de movimento educativo na perspectiva de se re-inventar enquanto mulheres negras latinas que seguem formando uma rede de aprendizagens outras na luta, na esperança, organização de um sentimento de identidade coletivo, “fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si, (SARLO, 2007). Esperança Garcia tem sua continuidade em cada uma de nós mulheres negras afro-brasileiras, que em suas narrativas trazem as memórias de lutas e resistência dessa escrava negra brasileira.

CONCLUSÃO

Construir outras agendas a partir de uma leitura decolonial dialogando com outras narrativas femininas que pensam outro projeto de sociedade partindo de referenciais identitário que permitem olhar para as memórias históricas de mulheres e de mulheres negras lembrando e ensinando que é possível outras vivências significativas e transformadoras. Nesse sentido pensar a partir do decolonialismo nos ajuda a retomar o caminho da ancestralidade, da história não contada, dos corpos e mentes não escravizados que o colonialismo nos fez esquecer. Em outras palavras, conforme a afirmativa de Miranda (2013, p. 103),

As trajetórias dos sujeitos representados como o “Diferente” da colonização passam a ganhar relevo, bem como suas ancestralidades, tendo em vista os objetivos da agenda antirracista a qual nos referimos. É com esse olhar que insistimos em trilhar percursos que incluam a *experiência com*, as práticas de aprender juntos/as no que concerne aos desafios de *desaprender para reaprender* novamente as multiplicidades que nos definem como sujeitos.

REFERÊNCIAS

COSER, Stelamaris. Imaginando Palmares: a obra de Gayl Jones. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 629, jan. 2005. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2013/03/a-noite-nao-adormece-nos-olhos-das.html>

<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil>

JANTSCH Souza, Mariana. **A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade**. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, 2014. <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/20337/11264>

MIRANDA, Claudia. **Colaboração intercultural e divisão de poder: perspectivas de descolonização entre professoras e estudantes da escola pública.** In.: ANDRADE, M. **A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a perspectiva intercultural.** Rio de Janeiro: QUARTET, 2009.

MIRANDA, Claudia. **Currículos decoloniais e outras cartografias para a educação das relações étnico-raciais: desafios político-pedagógicos frente a lei nº 10.639/2003.** Revista da ABPN • v. 5, n. 11 • jul.– out. 2013 • p. 100-118.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG 2007.
<https://pt.scribd.com/doc/164262242/SARLO-Beatriz-Tempo-Passado-Ufmg-2007>.

SOUZA, Elio Ferreira de. **A carta da escrava ‘Esperança Garcia’ de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afro-brasileira.** LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver.** In: **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro: 7 Leras, 2009. p. 12-42.